

RELAÇÕES CONJUGAIS NA LITERATURA DE TOLSTOI:

ANÁLISE DE DUAS OBRAS¹

[2013]

Diogo Alfonso Garcia.

Cientista Social; Psicólogo. Mestrando em Educação Escolar.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNESP- Araraquara
E-mail do/a autor(a): diogoag@gmail.com

Ana Cláudia Bortolozzi Maia.

Psicóloga. Doutora em Educação. Docente do Departamento de Psicologia.
Líder do Grupo Sexualidade, Educação e Cultura- GEPESSEC.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNESP- Araraquara; Bauru
E-mail do/a autor(a): aclaudiam@fc.unesp.br

RESUMO

Existem representações sociais diversas sobre padrões definidores de normalidade que direcionam o erotismo humano, incluindo aí concepções sobre casamento e relacionamento conjugal. A literatura pode ser um modo de evidenciar esses padrões, por isso, este estudo qualitativo, tipo documental, teve por objetivo analisar a temática das relações conjugais em duas obras do autor russo Lev Tolstói: “Felicidade Conjugal” e “A Sonata a Kreutzer”. A partir da análise de conteúdo, os resultados discutem as seguintes categorias: 1) A relação conjugal como sinônimo de posse; 2) O desejo sexual como mercadoria, 3) Enamoramento e Amor e 4) Casamento e Fidelidade e 5) Relacionamento e gênero. Nas duas narrativas as dificuldades nos relacionamentos conjugais são apresentadas de modo a explicitar o enamoramento e o cotidiano tendo como pano de fundo as relações de posse entre as pessoas; a crítica evidente diz respeito ao princípio de individuação, que tem como base a propriedade privada, inclusive nos relacionamentos amorosos e sexuais. Conclui-se que a análise dessas obras de Tolstói contribui para refletir sobre como os relacionamentos conjugais se configuram também na atualidade; além disso, ressalta-se que a literatura é um instrumento interessante para problematizar e refletir certos padrões de conduta em sexualidade e que poderia ser usada em propostas intencionais de educação sexual.

Palavras-chave: Relações conjugais, sexualidade, literatura.

¹ Este artigo é decorrente de uma pesquisa de iniciação científica do primeiro autor, sob a orientação da segunda autora e foi apresentado em comunicação oral no II CONGRESSO INTERNACIONAL DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL- realizado em novembro de 2012, na Unesp, Araraquara.

1 Introdução

A sexualidade é um fenômeno social; como tal inclui diferentes concepções sociais sobre as práticas afetivas e sexuais; envolve as representações sobre as emoções, prazeres, afetividade, enamoramento etc. (Chauí, 1985; Maia, 2010).

Neste sentido, existem representações sociais diversas sobre padrões definidores de normalidade que incluem também um direcionamento sobre erotismo humano. Há, segundo Stoller (1998) vários padrões normativos que classificam, caracterizam e julgam os comportamentos sexuais.

Conceitos relacionados à sexualidade, como amor, enamoramento, erotismo, pornografia, obscenidade, imoralidade, masculinidade, feminilidade, são sobretudo expressões sociais que, em decorrência de influências históricas e contextualizadas representam as concepções de determinadas culturas. Tomados como ‘naturais’, muitos valores sobre as condutas sexuais representam ideologias vigentes de raízes históricas que pouco têm de natural e imutável. Não descartamos as diferenças biológicas constitucionais e orgânicas, mas o **sentido** que damos às diferenças em relação aos padrões definidores de “normalidade”, que pode ser vantajoso ou desvantajoso, nos parece evidentemente determinado culturalmente (MAIA, 2008, p.69)

Para Maia (2008) na educação sexual informal, recebida pelos pares, familiares, amigos, em diálogos, arte, imagens, literatura e meios televisivos são construídos valores sobre sexualidade que dizem respeito à estética corporal, ao desempenho sexual, ao corpo físico funcional, ao gênero e, também, aos relacionamentos sexuais e amorosos, que se tornam repressivos.

Apesar da evidente ocorrência de novas estruturas de relacionamentos e organizações familiares, novos modos de união amorosa, diferentes expressões do masculino e feminino, o padrão da normalidade impõe condições estreitas para a adaptação dos indivíduos. Muitos são os exemplos sobre essa educação repressiva: a estética corporal, o desempenho sexual, o amor vendido de modo romantizado e idealizado, etc. Atingir esse padrão desejável gera muito sofrimento (Maia, 2008, p.71).

Para Jurandir Freire Costa (1998) o amor romântico é uma “invenção cultural”; mais, na nossa cultura, é um padrão relacionado à promessa de felicidade eterna. Não se questiona a existência do amor, nem de que vínculos amorosos são favoráveis, mas acreditar no amor romântico como um ideal, especialmente por um padrão midiático pode gerar muita frustração nas relações cotidianas conjugais quando as expectativas não são comuns.

O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo.(...) De modo breve, três principais afirmações sustentam o credo amoroso dominante: 1) o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; 2) o amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força de vontade e 3) o amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar. Esses tópicos formam uma espécie de catálogo de competência mínima exigido dos candidatos ao vestibular do amor (Costa, 1998, pp.12-13).

Do mesmo modo, Kipnis (2005) questiona a monogamia como um preceito “natural” e também sobre o mito do amor romântico, como sendo prerrogativas “naturais” e “universais” e não uma escolha do sujeito. Para a autora, o relacionamento amoroso exige “trabalho”, no sentido de haver um esforço para atingir a satisfação mútua. Talvez a necessidade de corresponder a padrões de relacionamento motive as pessoas a aceitar os manuais e regras de relacionamento (Maia, 2008).

Daí que há tantas técnicas para a busca da felicidade sexual e amorosa divulgadas em publicações de autoajuda e semicientíficas. (...) a realidade norte-americana, que não parece tão diferente da nossa olhamos as centenas de publicações nacionais e traduções estrangeiras que são vendidas nas livrarias do nosso país. E a cada dia me surpreendo com as novas modalidades de ajuda oferecidas por estes manuais que prometem a satisfação e gratificação sexual e amorosa eterna (Maia, 2010, p.73).

A busca por técnicas e regras de como obter a felicidade conjugal revela, por um lado a fragilidade das relações humanas, por outro uma vertente repressiva da sexualidade que impõe a todos a vivência erótica e amorosa sob certas regras de comportamento pré-estabelecidas. Perde-

se a autonomia de um sujeito que deveria ser construído a partir de uma educação sexual emancipatória.

Numa leitura freudiana, a necessidade de amar pode ser intrínseca à sobrevivência do indivíduo e da espécie, mas o que questionamos é o amor romântico e padronizado na cultura. Esse tipo de vínculo idealizado direciona as expectativas de cônjuges na relação amorosa e erótica que não se baseiam naquilo que cada um pode de fato oferecer ao outro em um pacto de vida em comum nem sempre explícito e claro. Além disso, há entre as pessoas, quando há um vínculo amoroso prolongado e a institucionalização do casamento a crença da posse sobre o(a) outro(a).

Com o advento da modernidade pode-se entender o sentido de uma individualidade privada, e, por conseguinte, da subjetividade. E justamente essa subjetividade será marcada, desde o início por um dos aspectos centrais da sociedade burguesa, a posse. Sendo que então, nossa moralidade acaba determinada por esta forma capitalista de sociabilidade, até mesmo no amor.

Diante desses argumentos conceituais sobre os relacionamentos amorosos e sexuais, especialmente no caso de relações conjugais, este trabalho teve por objetivo analisar a temática das relações conjugais em duas obras de Tólstói: uma pelo ponto de vista feminino e outra, pelo masculino. A importância de se estudar temas atuais na literatura clássica se justifica primeiro por ser um instrumento pedagógico importante, segundo porque se trata de um artefato cultural que faz parte da educação sexual não intencional e, terceiro, porque compreendemos a literatura como parte da indústria cultural, segundo a perspectiva do teórico T.W.Adorno.

2 Procedimento metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tipo estudo documental. O objeto de estudo são duas obras do autor russo Lev Tolstói: “Felicidade Conjugal” e “A Sonata a Kreutzer”.

Felicidade Conjugal foi publicada pela primeira vez em 1859, e é considerada por muitos a primeira obra-prima de Tolstói, e terá como tema o desejo e as relações conjugais apreendidas sob o ponto de vista feminino. O livro narra às etapas da vida amorosa de Mária, a personagem principal, desde sua juventude até o matrimônio e as situações cotidianas da vida de casada.

A Sonata a Kreutzer foi publicada originalmente em 1891, e desta vez sob o olhar masculino; nesta obra, o personagem principal, Pózdnichev, durante uma viagem de trem, narra de maneira vertiginosa todo o processo de seu casamento, que devido a suspeita de infidelidade de sua esposa, culminou no assassinato dela por ciúmes. Nesse ínterim, ele conhece algumas

peças com quem discute idéias sobre o matrimônio e coloca em discussão temas do casamento por amor, do casamento arranjado e da fidelidade.

A análise do conteúdo dos livros foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1979).

3 Resultados e Discussão

3.1 A relação conjugal como sinônimo de posse

Em ambos os livros podemos extrair trechos que nos mostram o quanto a posse do ser amado é encarada, como algo inevitável em nossas relações, como no caso da personagem Mária, em “Felicidade Conjugal”, que pouco tempo depois de se casar, relaciona esse “pertencimento” com o medo, talvez o medo de saber que sua vida não mais pertencia somente a ela:

[...] e eu senti de repente que não o temia, que esse medo era amor, um amor novo, ainda mais forte e carinhoso que o anterior. Senti que lhe pertencia toda e que era feliz com o poderio dele sobre mim (Tolstói, 2009, p.60).

Pózdnichev, protagonista da outra novela de Tolstói, “A Sonata a Kreutzer”, relata a posse como algo perverso na relação entre os homens e mulheres e por meio da ironia revela aos leitores toda a hipocrisia que está ao redor dos rituais de matrimônio da sociedade russa do séc.XIX, e escancara as “ignomínias” que estão por detrás das relações conjugais, ou seja, revela como a propriedade privada (de)forma a subjetividade destas relações sociais, transformando em mercadoria as relações entre pares:

[...] quando a maioria encara a cerimônia na igreja apenas como uma condição especial para a posse de uma determinada mulher... Resulta algo semelhante a uma venda. Uma jovem inocente é vendida a um devasso, e esta venda é cercada de determinadas formalidades (Tolstói, 2007, p.37).

Alberoni (1999) destaca que no enamoramento não há “ciúmes” porque há certeza da reciprocidade do outro quanto ao sentimento de desejo; no amor cotidiano, típico de relacionamentos dentro do “casamento”, no entanto, o outro se torna coisificado e tomado como posse. Nos dois livros analisados, o sentimento de “ciúmes” diante da percepção de interesse, dedicação e paixão do(a) parceiro(a) para com outro(a) aparece na personagem “cônjuge” e não do possível “amante”, desvelando essa questão.

O filósofo alemão Adorno em um de seus aforismos convida-nos a pensar sobre o casamento como uma instituição falida, desde suas bases estruturantes, por erigir-se sobre a

repressão e possessão entre os homens, quando declara que “... tudo o que há de turvo na instituição do casamento, a bárbara disposição do homem sobre o patrimônio e o trabalho da mulher, a não menos bárbara repressão sexual tendente a impor ao homem a responsabilidade vitalícia de dormir com aquela para a qual outrora o impelia o desejo...” (Adorno, 2008, p.28); como fatores que por si só condena os relacionamentos a uma repressão constante e incômoda dos desejos, e o que resulta dessa idéia de posse, é que o que se possui não é mais desejado.

Em algumas situações mais extremas, como durante uma crise de ciúme de Pózdnichev, de “A Sonata a Kreutzer”, o sentimento de posse e o controle do desejo do outro chegaria a situações em que a falta de controle até mesmo do que o outro deseja, a não possuir, seja por algum momento, os sentimentos do outro, geraria um mal estar que somente depois o personagem conseguiria enxergar o absurdo de seus atos, como quando vê que:

O horrível estava em que eu reconhecia em mim um direito cabal, indiscutível, sobre o corpo dela, como se fosse o meu corpo, e ao mesmo tempo sentia não poder exercer essa posse, que ele não era meu e que ela podia usá-lo como quisesse, e que o seu desejo estava em dispor dele de maneira diversa da que eu queria (Tolstói, 2007, p.92).

Também podemos dizer que é recorrente a visão da mulher como objeto de posse, também de consumo e troca. Nas obras de Tolstói analisadas, no entanto, ela tanto aparece em “A Sonata Kreutzer” como propriedade do marido (que se julgando traído se enche de razão para mata-la), como também funcional, vivenciando uma mulher que tem desejo por outra pessoa e/ou coisas do que o marido e o casamento, mas no final se abdica deles pra cumprir seu papel no casamento e da família. Ao mesmo tempo, podemos dizer que o autor russo insere a possibilidade de uma mulher questionadora e que contraria a situação de dominação e reificação na qual se encontram, pois durante passagens dos livros, ele relata algumas formas que elas encontraram para “dominar” os homens, como no trecho abaixo:

“Ah, vocês querem que sejamos apenas objeto da sensualidade, esta bem, nós, justamente na qualidade de objeto de sensualidade, havemos de escravizar vocês” (Tolstói, 2007, p.34).

3.2 O desejo sexual como mercadoria

Também podemos inferir uma crítica no autor sobre a forma de sexualidade presente na vida atual, marcada pela satisfação imediata de prazeres somente de forma fisiológica, animal. Conforme ocorre uma maior “desinibição” da sexualidade na sociedade, esta ocorre de forma

alienada, como coloca Adorno, “... a sexualidade, em nome da qual supostamente se mantêm o dispositivo todo, converteu-se na insânia que antes consistia na renúncia. Na medida em que o arranjo da vida não deixa tempo para o prazer consciente de si e o substitui por funções fisiológicas, o próprio sexo desinibido torna-se assexuado” (Adorno, 2008, p.165).

Numa sociedade onde até mesmo os prazeres são formas de mercadoria controlada, a prostituta, ou seja, a mulher que de forma semelhante aos trabalhadores assalariados, vende sua única força de trabalho, qual seja, seu próprio corpo, representa também a ordem econômica vigente, o capitalismo, enquanto as “damas da sociedade”, que outrora eram valorizadas justamente por seus valores ligados a sexualidade, de renúncia a “libertinagem”, passaram a representar a sexualidade, porém de forma assexuada, como afirma Adorno, “A libertina de há muito frígida representa o negócio, a correta e bem educada representa de modo ansioso e não romântico a sexualidade. Assim as damas da sociedade alcançam enfim a honra da sua desonra, no momento em que não há mais sociedade nem dama.” (Adorno, 2008, p.29). Tolstoi numa das passagens de A Sonata a Kreutzer, ironiza as mulheres ditas da “sociedade” quando diz que estas não diferem em praticamente nada das prostitutas que assumidamente trocam relações sexuais por dinheiro quando diz que:

Numa distinção rigorosa, deve-se apenas dizer que as prostitutas a curto prazo são geralmente desprezadas, e as prostitutas de prazo longo, respeitadas (Tolstói, 2007, p.30).

3.3 Enamoramento e Amor

Nas duas narrativas, é demarcado “fases” do relacionamento conjugal, evidenciando o período do enamoramento como um período de “tensão”, em que as afinidades, tolerâncias e reciprocidade do desejo são prevaletidas; também aparece como um período “calmo” e tranquilo e ao mesmo tempo demasiadamente enfadonho, situações de um relacionamento cotidiano.

Adorno coloca que “... não é ao êxtase, mas ao amor socialmente sancionado que se segue o nojo; ele é, nas palavras de Ibsen, pegajoso. Para quem está eroticamente absorvido o cansaço se converte em pedido de carinho, e a impossibilidade momentânea do sexo é compreendida como acidental e inteiramente alheia à paixão (Adorno, 2008, p.172); esse amor pegajoso, o ideal do amor mediado pela ideologia burguesa, destruiria o amor. Do mesmo modo Alberoni (1999) argumenta que o relacionamento amoroso institucionalizado pelo casamento destrói o enamoramento. Segundo o autor é um sentimento não convive com o outro. Quando se está enamorado busca-se a tranquilidade, o cotidiano, o casamento e quando se está em um casamento já não se vislumbra a sexualidade extraordinária própria das paixões.

No início das narrativas, as personagens encontram-se às “cegas”, devido à paixão que sentiam; e há uma alusão sutil ao fato de que todos sabiam que este estado emocional passaria e o que manteria o casal unido seria o ritual do casamento e os interesses econômicos objetivos que deveriam ser construídos, para de fato eles se tornarem um casal perante a sociedade:

E não se podia falar disso com ela num tom de brincadeira. Estava firmemente convicta de que nós dois, ao falarmos do nosso futuro, apenas fazíamos dengos e insignificâncias, como é peculiar às pessoas nesta condição; mas que a nossa felicidade efetiva dependeria exclusivamente do corte e da costura correta das camisas e do ponto com que se bordariam as orlas de toalhas de mesa e guardanapos (Tolstói, 2009, p.51).

Um pouco mais adiante, após alguns meses passados do casamento a personagem Mária de “Felicidade Conjugal”, relata suas angústias após o início do matrimônio e após a paixão que outrora sentiu “... amar era pouco para mim, depois que eu experimentara a felicidade de apaixonar-me por ele.” (Tolstói, 2009, p.70) ter de certa forma diminuído, e as novidades antes encontradas em seu amor, já serem mais do que conhecidas e, portanto, sem graça, levando a um esfriamento das relações, e aparente conformismo em relação a seu futuro, e que somente seria a este tipo de relacionamento que o casamento resultaria:

Quando ficávamos a sós, o que já acontecia raramente, eu não experimentava alegria, nem perturbação, nem encabulamento, como se estivesse a sós comigo mesma. Eu sabia muito bem que ele era o meu marido, não algum homem novo, desconhecido, mas um homem bom, o meu marido, que eu conhecia como a mim mesma. Estava certa de saber tudo o que ele faria e diria, e como olharia; e se ele fazia algo ou olhava de maneira diversa da que eu esperava, tinha a impressão de que fora ele quem se enganara. Não esperava dele nada. Numa palavra, era meu marido e nada mais. Parecia-me que tudo devia ser assim mesmo, que não existiam relações de outro tipo e que elas nunca existiriam entre nós (Tolstói, 2009, p.91).

O relacionamento conjugal narrado com o passar do tempo transformar-se numa relação fria e hostil após o matrimônio, com a banalização de brigas, que na maioria das vezes “... a razão não conseguia forjar a tempo pretextos suficientes para a hostilidade sempre existente entre nós” (Tolstói, 2007, p.45), e com o distanciamento entre o casal,

Foi terrível a impressão deixada por esta primeira briga. Chamei-a de briga, mas não era uma briga, e sim apenas a revelação do abismo que existia entre nós. O ânimo apaixonado esgotou-se com a satisfação da sensualidade, e ficamos frente a frente com a relação

verdadeira entre nós, isto é, dois egoístas absolutamente estranhos entre si, cada um desejando receber, através do outro, a maior soma de possível de prazer. Chamei de briga o que acontecera entre nós; mas não era briga, e sim a relação verdadeira de um para o outro, revelada unicamente com a cessação da sensualidade. Eu não compreendia que esta relação fria e hostil era a nossa relação normal... (Tolstói, 2007, p.43).

Neste momento há uma denúncia de que as relações conjugais teriam no mínimo, problemas e estes problemas seriam problemas que perpassariam de certa forma todos os casamentos, pois nenhum deles ficaria a parte das convenções que regem o contrato entre os sexos,

Ao mesmo tempo, atormentava-me ainda o pensamento horrível de que eu era o único a viver tão mal com a esposa, de maneira tão diversa da que eu esperava, enquanto com os outros casais isto não acontecia. Eu ainda não sabia então que se tratava de um destino comum, e que todos, como eu, pensavam tratar-se da sua infelicidade excepcional, vergonhosa, não somente dos outros, mas também de si mesmos, não o confessando sequer a si (Tolstói, 2007, p.44).

3.4 Casamento e Fidelidade

Outra discussão que é possível extrair das leituras é referente à questão de quanto tempo duraria o amor exclusivo, e se a ordem cronológica deveria ser levada em conta nos relacionamentos conjugais. Pózdnichev de “A Sonata a Kreutzer”, pensando em quanto tempo seria possível uma preferência de uma pessoa em relação às demais, problematiza esta questão quando pergunta:

- Não, eu quero falar disso, da preferência por um homem ou uma mulher, em relação a todos os demais, mas somente pergunto: é uma preferência por quanto tempo? (Tolstói, 2007, p.18).

Adorno já questiona essa preferência e problematiza ainda mais esse ponto quando diz que:

A relação original já pressupõe na sua pura e simples imediação precisamente essa ordem do tempo. Historicamente o próprio conceito de tempo se forma com base na ordem da propriedade. Mas o querer possuir reflete o tempo como temor

da perda, do irrecuperável. Experimenta-se aquilo que é relativamente ao seu possível não ser. É assim que de fato se torna propriedade e precisamente nessa rigidez torna-se algo funcional, permutável por outra propriedade equivalente. Uma vez convertida plenamente em propriedade, à pessoa querida nem mesmo é olhada. A abstração no amor é o complemento da exclusão, que enganadoramente se apresenta como o contrário, no seu agarrar-se neste existente específico. Se as pessoas não fossem mais propriedades também não poderiam ser permutadas (Adorno, 2008, p.75).

Desta forma é possível encontrar ao afinal do trecho acima de Adorno uma possível solução para, não somente a preferência temporal de algumas pessoas em relação a outras, como também das relações amorosas como um todo; o autor coloca que nessa forma de sociabilidade, marcada pela posse de mercadoria e pessoas, não é possível uma relação sem sofrimento, visto que seria impossível e indesejável possuir esse domínio sobre alguém. E se trataria de um mito a idéia de que somente por tido contato antes com alguém por se chegado primeiro, teria direito a propriedade, ou preferência sobre este. A monogamia seria um mito, pois é muito mais comum o desejo diversificado por várias pessoas do que a realização plena direcionada apenas uma pessoa, inclusive na espécie humana (Kipnis, 2005; Barash & Evelipton, 2007).

Nas obras analisadas, no entanto, não parece haver um julgamento moral de outras personagens sobre a traição, que na verdade aparece mais na fantasia do cônjuge do que nas ações concretamente narradas das personagens em questão a infidelidade aparece como uma possibilidade que existe nos casamentos tradicionais. Nas duas novelas, a possível traição tanto aparece como uma condição possível nos relacionamentos, como algo que se traduz em sofrimento ao outro. Nos dois casos, não há dialogo entre as personagens tanto naquele que assume o desejo por outro(a), como aquele que sofre com essa possibilidade.

Tolstói deixa claro por meio de seu personagem que numa vida de casado, na qual só se encontra a felicidade quando se vive em função do objeto amado, e deixa-se de lado a si mesmo traria entre outras consequências um estranhamento de si próprio:

Será possível que a partir de hoje me tornarei estranha a mim mesma, e que se abra diante de mim uma nova vida de realizações das minhas esperanças e desejos? Será possível que esta vida nova é para sempre? (Tolstói, 2009, p.57).

Em nossas relações nas quais ocorre uma entrega total de si para o outro, ocorreria uma entrega que aprisiona ambos, onde não haveria a possibilidade de felicidade, Adorno diria que

“... não apenas a possibilidade objetiva – também a capacidade subjetiva de felicidade somente se dá na liberdade” (Adorno, 2008, p.87).

Eu não compreenderia agora aquilo que antes me parecia tão claro e justo: ser uma felicidade viver para outrem. Por que para outrem, quando não se tem vontade de viver mesmo para si? (Toslói, 2009, p.104).

3.5 Relacionamento e gênero

Nas obras analisadas os cônjuges “infieis” se referem à personagem feminina, tanto em Felicidade Conjugal, quando ela assume o desejo por outro ou por outra vida, como em “A Sonata Kreutzer” quando a infidelidade da esposa é narrada mais pela fantasia do marido. De qualquer forma, nos parece interessante destacar que embora na sociedade atual patriarcal e machista é homem a figura infiel mais comum – socialmente mais aceito por isso- nas novelas analisada esse papel de desloca para o feminino.

Outros padrões na narrativa colocam certos papéis definidos ao gênero como, por exemplo, a mulher à espera do casamento, dona de casa e responsável pela reprodução e educação dos filhos; o homem como marido provedor, que trabalha fora, um ser “público”, que faz viagens e deixa a esposa em casa, ou ainda, aquele que lava a “honra” diante do não cumprimento conjugal da esposa.

Além disso, podemos comentar a relação econômica por trás dos adornos e enfeites utilizados para caracterizar a “mulher” bela e respeitável da sociedade burguesa da época. Grande parte das mercadorias produzidas em nossas sociedades serve justamente para produzir objetos de uso feminino e seriam justamente elas quem exigiriam e sustentariam o luxo da existência, para a produção de “enfeites inúteis, carruagens, móveis e brinquedos de mulher”, que em grande medida servem para a perpetuação dessa forma de relacionamento:

As mulheres, qual rainhas, mantêm na prisão do trabalho penoso e escravo nove décimos da espécie humana. E tudo isso porque foram humilhadas, privadas de direitos iguais aos do homem (Tolstói, 2007, p.35).

Entretanto Adorno (2008, p.92) nos lembra que essa valorização do modo feminino de viver acaba perpetuando sua própria dominação, quando diz que “a glorificação do caráter feminino envolve a humilhação de todas as que o trazem”.

Outra denúncia que já encontramos nestas obras de meados do séc. XIX será a naturalização das relações de dominação entre as pessoas, e principalmente entre homens e

mulheres como relações imutáveis e não entendidas como construídas devido às condições históricas estabelecidas pelo capitalismo, como no trecho abaixo:

Ela não sabia dizer. Mas estava triste, oprimida. Provavelmente, os seus nervos extenuados sugeriram-lhe a verdade sobre a ignomínia das nossas relações; mas ela não sabia dizê-lo (Tolstói, 2007, p.42).

Adorno também se refere ao medo do animal feminino antes do acasalamento, que nada traz senão dor, e recoloca o prazer em seu trajeto histórico como uma aquisição tardia, pois “o amor sobrevém na ausência de liberdade e que elas não o conhecem senão como objeto de violência” (Adorno, 2008, p.86), e que esse resquício permaneceu nas mulheres, Tolstói já demonstra claramente que ocorre uma naturalização forçada nas relações sexuais impostas pelo matrimônio:

O senhor diz: natural! Existe o natural. E existe com alegria, leveza, agrado, sem nenhuma vergonha desde o início; mas, no caso, é abjeto, vergonhoso, dolorido. Não, isto é inatural! E a moça não corrompida, acabei por convencer-me, sempre odeia isso (Tolstói, 2007, p.38).

3.6 Narrativa e música

Uma última observação é que em vários momentos, as narrativas se assemelham as entonações e movimentos da música a que a obra se refere de tal modo que podemos fazer um paralelo da tensão da narrativa com a da música. Por exemplo, Pózdnichev (a personagem no livro “A Sonata Krautzer” faz críticas severas às mulheres, pois perturbado pelo fato de ter sido vítima de traição, acaba por assassinar a esposa, mesmo sem ter a certeza se ela o traiu ou não. Como um marido ciumento, em certos trechos da narrativa, narra os fatos como se estivesse alucinado e isso, de certo modo, se igualaria às escalas do piano e violino da peça de Beethoven, que deu o nome a obra.

4 Considerações finais

Nas duas narrativas as dificuldades nos relacionamentos conjugais são apresentadas de modo a explicitar o enamoramento e o cotidiano tendo como pano de fundo as relações de posse entre as pessoas; a crítica evidente diz respeito ao princípio de individuação, que tem como base a propriedade privada, inclusive nos relacionamentos amorosos e sexuais. Por outro lado, podemos questionar em que medida os comportamentos e sentimentos narrados relacionados ao

enamoramento, ao amor, ao casamento e à fidelidade não reproduzem padrões normativos já naquela época estabelecidos.

As análises suscitadas pelas narrativas das obras de Tolstói sobre os relacionamentos conjugais contribuem para refletir sobre como as relações humanas amorosas foram e estão sendo construídas, denunciando as convenções e padrões que regulamentam o contrato entre aqueles que se dizem amar e condenando a hipocrisia e o utilitarismo em que se fundam as relações em nossa sociedade, inclusive as amorosas.

Muitas críticas foram feitas a esta obra, principalmente a atitudes moralizantes de um Tolstói doutrinário, fruto de suas aspirações em fundar seu próprio sistema ético-religioso, o tolstoísmo. Apesar disso, é inegável a capacidade do escritor expressar através de suas observações muitas das fraquezas humanas e expor com sagacidade conflitos ainda atuais dos relacionamentos conjugais.

Visto que as bases das relações sociais, por meio das relações econômicas, e dos meios de produção permanecem muito semelhantes, muitos dos problemas humanos e conjugais de há mais de um século e meio, numa sociedade aparentemente tão distante como a russa do século XIX, são impressionantemente semelhantes aos nossos problemas de relacionamento, no Brasil do início do século XXI.

A análise das narrativas também exemplifica os padrões de relacionamentos amorosos na instituição do casamento: papéis de homens e mulheres, representações sobre fidelidade conjugal, quando se trata da mulher ou do homem; além disso, a descrição do enamoramento e das dificuldades de mantê-lo no cotidiano de um casamento, tendo como pano de fundo a coisificação do sujeito nas relações de posse.

É um instrumento interessante para problematizar e refletir certos padrões de conduta nos relacionamentos amorosos e conjugais e deveria ser utilizados em propostas intencionais de educação sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, T. W. (2008). *Mínima Moralía: Reflexões a partir da vida lesada*. Trad. Cohn, G. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.

Araújo, M. F. (2002). *Amor, Casamento e Sexualidade: velhas e novas configurações*. Psicologia: Ciências e Profissão, Brasília, DF, v.22, n.2, p.70-77, 2002.

Barash, D.P. & Evelipton, J. (2007). *O Mito da Monogamia*. (R. Vinagre, trad.). Rio de Janeiro: Record.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

Chauí, M. (1985). *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.

Kipnis, L. (2005). *Contra o amor, uma polêmica*. (R. Vinagre, trad.). Rio de Janeiro: Record.

Maia, A. C. B. (2008). A educação sexual repressiva: Padrões definidores de normalidade. (pp.67-117). In: Souza, C. B. G.; & Ribeiro, P. R. M. (Orgs.). *Sexualidade, diversidade e culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores*. Araraquara: FCL/Unesp Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.

Maia, A. C. B. (2010) Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. Revista *Psicopedagogia On-line*.

Stoller, R. (1998). *Observando a Imaginação Erótica*. (R.Fiker & M. E. Fiker, trads.). Rio de Janeiro: Imago.

Tolstói, L. (2007). *A Sonata a Kreutzer*. (B. Schnaiderman, trad.). São Paulo: Ed. 34, 2007

Tolstói, L. (2009). *Felicidade Conjugal*. (B. Schnaiderman, trad.). São Paulo: Ed. 34, 2009